Análise da teoria da diferenciação psicológica numa perspectiva transcultural

MARIA HELENA NOVAES *

1. Introdução; 2. Proposição teórica; 3. Variáveis da situação transcultural; 4. Características da diferenciação entre culturas; 5. Conclusão.

1. Introdução

Em geral, as diferenças psicológicas, numa perspectiva transcultural, são estudadas com o objetivo de examinar a aplicabilidade das principais proposições da teoria da diferenciação e a generalidade dos dados básicos entre culturas, além de identificar a extensão da teoria e controlar aspectos empíricos.

Assim, numerosas pesquisas transculturais, ao chegarem às fontes das diferenças individuais e grupais, considerando as práticas familiares, influências culturais e pressões ecológicas, sugerem que um funcionamento menos diferenciado, incluindo um modo perceptual mais dependente de campo, é associado à insistência sobre a aderência à autoridade do adulto, à saliência da fêmea e à ausência de modelos fortes de papéis masculinos em famílias, e à organização fechada e com tendências para o conformismo nas sociedades de padrões agrícolas, pastoris e sedentárias. Em contraste, um funcionamento mais diferenciado, incluindo

* Psicóloga do ISOP.

relativo campo de independência, é associado ao estímulo e autonomia em famílias de estrutura social mais aberta e com padrões ecológicos móveis.

Durante muito tempo, psicólogos trabalharam em estudos transculturais na descrição e compreensão de variações do comportamento humano. A princípio, tal iniciativa consistia em medida de características somáticas, sensoriais e perceptivas – Rivers em 1901 e Woodworth em 1910, conforme Berry e Dasen (2). Tais investigações de laboratório deram lugar a uma perspectiva mais clínica, uma vez que a psicologia psicanalítica e a antropologia descobriram-se mutuamente, resultando daí a aproximação da "cultura e personalidade" (Benedict em 1934 e Kardiner em 1939). A teoria utilizada neste campo é usada como um guia para o campo empírico (Dennis e Russell em 1940 e Read em 1932), enquanto os dados empíricos são usados para suportar a teoria (Dasen em 1972). Recentemente, grande número de investigadores empregaram a técnica de diferenciação psicológica (Witkin, Goodenough e Karp em 1962, Lewis, Hertzman, Machover e Meissner em 1954) e suas extensões para o domínio da ecologia cultural (Berry em 1971), com o objetivo de nortear as suas observações empíricas.

A fim de proceder a tais estudos, pretende-se: delinear as proposições prioritárias da teoria e as expectativas primárias empíricas; analisar os estudos conduzidos por outros *sets* culturais que são orientados pela teoria ou servem para a avaliação; integrar a evidência desses estudos com as proposições principais da teoria e seus dados intraculturais, para poder chegar à generalidade das proposições e identificar as revisões necessárias e possíveis extensões da teoria; e identificar problemas na evidência existente, bem como linhas para futura pesquisa transcultural sugerida pela teoria.

2. Proposição teórica

A progressão típica no desenvolvimento psicológico do indivíduo consiste em partir do menos diferenciado para o mais diferenciado, sendo uma das características da maior diferenciação a própria especialização: os subsistemas emergem do sistema geral, o qual é capaz de mediar as funções específicas, implicando não só medida de separação das funções psicológicas como, também, a especificidade da maneira do próprio funcionamento.

Maior diferenciação traz muitas implicações a respeito das relações com o meio-ambiente; um sistema mais diferenciado é caracterizado pela separação do que é identificado como pertencendo ao núcleo daquilo que é identificado como externo ao mesmo. Finalmente, a diferenciação traz implicações em relação ao sistema ao qual é integrada. Integração tem dois aspectos: *complexidade*, que implica as relações entre os componentes do sistema e entre o sistema e o seu meio, e *eficiência*, que diz respeito a maior ou menor harmonia do conjunto dos componentes do sistema e desse como um todo com o seu ambiente. À medida que a maior complexidade da integração é possível num sistema com muitos

componentes, a complexidade de integração é relacionada com a diferenciação. A eficiência da integração, contudo, não leva a uma relação direta com a diferenciação.

O progresso dirigido para maior diferenciação, durante o desenvolvimento envolve o organismo como um todo, antes do que, procede discretamente em domínios separados.

Assim, a tendência em direção ao funcionamento mais ou menos diferenciado num determinado domínio acarreta tendência similar nos outros domínios, num sentido de autoconsistência.

Para pesquisar a autoconsistência, foi necessário conceitualizar e identificar manifestações específicas, ou indicadores – em relação a maior ou menor diferenciação nos diversos domínios psicológicos. Conviria examinar esses indicadores – os quais, empiricamente, provaram ter inter-relacionamento, como era de se esperar.

Assim, no domínio perceptivo, uma diferenciação maior é demonstrada na tendência das partes do campo, a ser experienciada como uma forma discreta do campo como um todo, antes de ser fusionada no campo ou experienciada como um todo, o que é indicativo da menor diferenciação. Em muitos testes perceptivos, há muitas modalidades envolvidas (visão, tato, ouvido) ou combinação de modalidades (visão, sentido cinestésico e de direção). O importante é que os estudos demonstram uma autoconsistência que diz respeito ao estilo perceptivo relacionado com a independência ou dependência de campo, refletindo tendências em relação a um determinado modo de perceber; estes estilos perceptivos podem ser tomados como indicadores de uma maior ou menor diferenciação do domínio perceptivo, como seria de se prever. Num quadro referencial de diferenciação, uma progressão desenvolvimentista para uma maior independência do campo pode ser observada no período de adolescência, e o gradativo aumento através dos períodos de idade.

Em numerosos estudos da cultura ocidental, foram feitas pesquisas diferenciais quanto ao sexo e a tendência parece ser que as mulheres são mais dependentes de campo do que os homens.

No campo intelectual, uma grande diferenciação pode ocorrer pela tendência a experienciar itens separados do contexto – que trarão diferentes abordagens na resolução de problemas, sobretudo daqueles que exigem crítica ou reestruturação de material; nesse terreno, temos os *estilos cognitivos*, conceito mais compreensivo do que simplesmente os *estilos perceptuais.*

A diferenciação também ocorre no domínio do conceito do corpo como indicador de maior diferenciação – um conceito de corpo articulado, em contraste com um conceito de corpo global, indicando menor diferenciação. É considerado como corpo articulado o que tem limites definidos, distintamente separados do meio, e as partes formadas num só conjunto.

Em outro domínio psicológico, como a natureza do *self,* uma maior diferenciação pode ser concebida, como uma rede estruturada de atributos identificados

como atributo "único", distinto dos atributos de outros, o que tem sido chamado de sentido de identidade separada. Pessoas com um sentido de identidade separada desenvolvem molduras internas de referência viáveis como guias de pensamento e ação. Quando tais referências estão disponíveis, é provável que a pessoa dê menos importância às referências externas em relação à sua orientação.

Em conseqüência, operacionalmente, uma menor diferenciação deverá aparecer, dentre outros modos, em conexão com fontes de informação externa, para uma autodefinição; usando tal tendência como um indicador de menor diferenciação no domínio do *self*, muitos estudos demonstraram que pessoas com essa tendência fornecem evidência de menor diferenciação nos domínios perceptivos, intelectivos ou do conceito do corpo.

Ilustrando, há uma evidência considerável de que as pessoas dependentes do campo para definir atributos do *self* como atitudes, sentimentos, pontos de vista, são mais dependentes de tomar conhecimento das referências provindas do meio social (Bell em 1964 e Deever em 1967) e são seletivamente atentas e sensíveis ao contexto social do meio, preferindo ter pessoas ao seu lado e exigindo uma presença física.

Contrastando com a orientação social dessas pessoas, aquelas independentes do campo aproximam-se do mundo de maneira a percebê-lo mais impessoal, demonstrando preocupação com os aspectos mais abstratos.

Outra característica da diferenciação psicológica é a formação de estruturas defensivas, especialmente para a regulamentação do impulso, relacionadas aos mecanismos de repressão e de intelectualização.

Por outro lado, quanto às fontes das diferenças individuais na extensão da diferenciação, há evidência de que essas diferenças são relativas às diferenças nas experiências de socialização. Evidentemente, há diversas modalidades da teoria da diferenciação e da metodologia. A primeira refere-se mais à estrutura do que às propriedades de conteúdo de uma formulação individual. Enquanto a variedade possível das propriedades estruturais é relativamente muito limitada, os conteúdos específicos dessas estruturas podem existir numa enorme variedade. Assim, as propriedades estruturais são mais passíveis de demonstrar relativa estabilidade durante o desenvolvimento do que as propriedades de natureza de conteúdo e tendem a seguir progressão típica de desenvolvimento durante o processo de ontogênese. Uma das tarefas principais da pesquisa transcultural é a de verificar as características de identificação que são freqüentes nas culturas, sendo a busca das generalidades das características determinadas pela estrutura mais plausível e fácil do que a busca das características de conteúdo. Uma segunda modalidade, particulármente relevante na teoria de diferenciação, é a ênfase organísmica do processo do desenvolvimento do organismo em função de maior complexidade e que tem duas implicações: uma seria que qualquer manifestação na diferenciação pode ser usada para identificar um nível individual de diferenciação psicológica, outra seria de que as fontes de uma determinada característica psicológica durante o desenvolvimento são colocadas num contexto mais amplo, no sentido de que

qualquer característica na diferenciação é o produto do progresso do organismo num todo, em direção à complexidade psicológica.

Uma terceira modalidade muito útil na pesquisa transcultural, resulta na possibilidade de abrir caminhos para os estudos dos efeitos da socialização entre culturas. Há consideráveis evidências que as diferenças individuais, por exemplo, nos estilos cognitivos são o produto das diferenças nas experiências da socialização.

3. Variáveis da situação transcultural

Transportar conceitos através das barreiras culturais faz surgir indagações como a de saber quais os universos culturais que provêm para a continuidade entre culturas (análise ética), ou como procurar variáveis culturais que requerem atenção única e específica (análise êmica).

Na pesquisa da socialização ambas foram utilizadas, pois trata-se de um dos pré-requisitos da existência humana social; contudo, culturas variam com outras dimensões e servem de campo para outras interpretações.

Outras variáveis, como configuração sociocultural, adaptação ecológica e efeitos biológicos, estão presentes nos estudos da diferenciação. Numerosos estudos de socialização (Barry, Bacon e Child em 1957) usaram materiais etnográficos na área das relações humanas, como por exemplo estudos com mães de seis culturas nas seguintes dimensões: treinamento da obediência, responsabilidade, alimentação, autoconfiança e treinamento de independência.

A influência dos fatores econômicos e sociais é evidente, uma vez que o suporte econômico reforça a base da socialização, registrando-se características de diferenciação sexual com maior obediência das meninas. Investigações de Minturn e Lambert, em 1961, com 24 famílias, de cada uma de seis culturas, isolaram um número de fatores ou dimensões de socialização com significado pancultural, que emergem da demanda de responsabilidade na criança; uso do afeto positivo da mãe; controle das agressões e obediências dos companheiros; extensão dos cuidados da mãe; controle da direção da agressão da mãe; e instabilidade emocional da mãe.

Outra variável é a conformidade social advinda da estratificação sociocultural, que diz respeito ao grau da estrutura hierárquica entre os elementos socioculturais; assim, as sociedades mais rígidas são teocráticas, com várias espécies de pressão sobre o indivíduo; nas mais permissivas há um controle menor, nas primeiras há necessidade permanente de continuar a socialização e nas outras, não.

Quanto à *adaptação ecológica*, que pressupõe a relação entre o homem e meio-ambiente que ocupa, relaciona-se ao tipo de comportamento desenvolvido, o que foi estudado nas civilizações de pastoreio ou de caça, condicionadoras de estilo de vida que exige a habilidade de extrair informações sobre o contexto ambiental e a habilidade de integrá-las num contínuo fluxo.

Tais mecanismos envolvem aprendizagem perceptiva e adição de fatores culturais e da socialização.

Quanto aos *efeitos biológicos* estudados por Dawson (4), como nutrição, hormônios, são referenciados à dimensão e à adaptação genética ao *set* ecológico.

Como tais variáveis se inter-relacionam, poderíamos ilustrar dizendo que as sociedades de caça tendem a um controle mais brando, enquanto as de pastoreio e de agricultura tendem a ser mais rígidas. Nas primeiras, observa-se comportamentos de maior independência, realização e autoconfiança; nas outras, de responsabilidade e obediência.

Outra variável muito importante é a da *mudança cultural* como uma função do contato com a cultura, e a da aculturação, podendo a relação entre aculturação e diferenciações psicológicas ser igualmente analisada.

É preciso enfatizar que o propósito da pesquisa transcultural não se limita à busca da universalidade do fenômeno observado numa simples cultura, mas procura novos fenômenos, tanto no campo comportamental como cultural; portanto, nessa perspectiva há uma preocupação de generalização das culturas, derivada da teoria da diferenciação.

É preciso compreender que os conceitos provindos da teoria de diferenciação podem ser aplicados às culturas, devido à natureza estrutural da diferenciação e à base cultural da universalização e socialização. As perspectivas comparativas nos levam a observar um número de co-variáveis da socialização e outras variáveis que podem trabalhar independentemente. Fatores como pressão para o conformismo, estrutura da autoridade e papel da diversidade podem ser enraizados na variação demográfica e ecológica e encontrados em várias culturas.

Por outro lado, as seqüelas dos fatores ecológicos são imprescindíveis de serem consideradas. O importante será descobrir variáveis novas que jogam com os meios socioculturais e que nutrem a teoria da diferenciação e diversificam os instrumentos de medidas.

4. Características da diferenciação entre culturas

4.1 *Aspectos de diferenciação estudados nas culturas ocidentais*

Quatro aspectos de diferenciação têm sido estudados nas culturas ocidentais: autoconsistência, diferenças sexuais, mudanças de idade e estabilidade.

4.1.1 Autoconsistência

A maioria dos estudos de diferenciação dizem respeito ao estudo perceptual, com muitos testes nessa linha, como os de Goodenough e Harris, porém a dificuldade consiste no uso válido de tais instrumentos para outras culturas.

Outro problema metodológico muito importante é o de representatividade da amostra, mesmo nas culturas mais primitivas, uma vez que há diferenças intergrupais relacionadas ao contexto rural e urbano e ao sexo, como, por exemplo, estudos de Holtzman com 800 crianças mexicanas e americanas usando os critérios sexo, idade e classe social, separando-as em três grupos de 6,7 anos, de 9,7 e de 12,7, testados anualmente durante um período de seis anos.

A análise dos tipos sensoriais, segundo conceito de Wober em 1967, provou que, nas culturas africanas, as esferas proprioceptivas e auditivas eram mais importantes do que a esfera visual das culturas euro-americanas; em conseqüência, os africanos seriam mais independentes de campo do que os outros nas tarefas proprioceptivas e os escores dos testes de campo relativos à dependência-inter-dependência deveriam ter correlações diferentes, caso tratassem da esfera visual ou não.

Muitos estudos encontraram evidências da autoconsistência entre o domínio perceptivo e o conceito de corpo. Pouco se tem obtido no sentido de estender o estudo da autoconsistência, como uma função de nível de diferenciação, para os domínios dos mecanismos de defesa e do processo de identidade; contudo, a pesquisa transcultural torna-se necessária na autoconsistência, incluindo os domínios do sentido da identidade separada e das defesas.

4.1.2 Diferenças sexuais

Dadas as suas implicações sociais, políticas e biológicas, os estudos das diferenciações entre os sexos merecem especial atenção, salientando-se, prioritariamente, a manifestação perceptual da diferenciação. Há diferenças persistentes que são registradas, mas em magnitude menor, como aquelas das mulheres tenderem a ser mais dependentes do campo do que os homens. Embora haja uma tendência dessa natureza, da idade de 5 anos para cima a diferença entre os sexos não é tão regular como parecia anteriormente. A *moldura ecocultural* é importante de ser considerada nos estudos, pois transculturalmente aparecem diferenças significativas entre povos agrícolas ou sedentários e aqueles migratórios ou caçadores. Nos grupos de Nova Guiné, analisados por Berry (3), verificou-se que, em sociedades mais estratificadas, as mulheres são colocadas em posições dependentes nas quais a sua conduta está sob controle dos outros, enquanto nas menos estratificadas elas são relativamente mais independentes, de acordo com diferentes papéis sociais evidenciados, evoluindo de acordo com os padrões estabelecidos. Nos grupos conformistas, há padrões de maneira de socialização dos dois sexos em cada cultura, como, por exemplo, em crianças mexicanas e norte-americanas de 9 a 16 anos, encontrados por Holtzman e Meizlik, que analisaram as diferenças sexuais numa perspectiva de diferenças subculturais numa comunidade judaica composta de ortodoxos tradicionais e de modernos ortodoxos; nos primeiros, as mulheres seriam mais ligadas aos trabalhos familiares, enquanto os homens estariam comprometidos com aspectos intelectuais.

A ausência de diferenças sexuais e sua interpretação na base do ecocultural e dos fatores sociais, parecem argumentar no sentido de uma determinação biológica mínima. Dawson admite a importância de interação constante entre os fatores biológicos e culturais, examinando os aspectos hormonais, uma vez que há pesquisas que ressaltam a influência da testosterona e do estrogênio na *performance* dos indivíduos. Em síntese, parecem menos consistentes nos dados das pesquisas transculturais do que na literatura e, muitas vezes, dependem das variáveis culturais e da estratificação tendente para a conformidade.

4.1.3 Mudanças de idade

As diferenças psicológicas intraculturais demonstram uma seqüência desenvolvimentista que indica uma progressiva diferenciação até à adolescência, reduzindo os pontos de curva do desenvolvimento até o princípio da quinta década, após a qual há uma redução na diferenciação, segundo pesquisas de Feldman e de Hagen e Klein com estudantes esquimós do Alasca e com crianças guatemaltecas de 4 a 8 anos.

Witkin, usando crianças e adolescentes de três culturas, Holanda, Itália e México, encontrou maior diferenciação nos grupos maiores de 13-15 do que nos menores de 9-11, tendo feito 43 comparações. Duas amostras em cada grupo de idade x 2 sexos x 4 testes x 3 culturas. A análise de variância demonstra o efeito significativo da idade dos quatro testes (PRFT, CFFT, BD e HFDF), aplicados nos três países.

A progressão do desenvolvimento das diferenças psicológicas é, em geral, similar, constatando-se, porém, que o natural decréscimo da diferenciação pode ocorrer mais cedo em grupos do Ocidente talvez por estarem menos expostos às influências de aculturação e também porque a velhice começa mais cedo em muitas comunidades tradicionais, nas quais o sistema de vida exige muito do físico.

4.1.4 Estabilidade

Pesquisas nessa linha medem a diferenciação através do tempo e os seus resultados demonstram o alto grau de estabilidade esperada, seja nas bases conceituais ou na base das descobertas ocidentais.

Essas pesquisas são feitas com aplicação de teste e reteste, e muitos testes, como o de Holtzman, comprovam a consistência de traços e características após seis anos de intervalo.

4.2 *Origens das diferenças individuais e grupais na diferenciação*

Estudos norte-americanos de diferenciação psicológica demonstraram que o estímulo da família à separação e ao funcionamento autônomo no processo de

crescimento da criança tende a ser associado com o desenvolvimento de uma maior diferenciação, enquanto a ênfase na aderência à autoridade paterna tende a ser associada com uma diferenciação limitada. Também há indícios de correlação no desenvolvimento da diferenciação no sentido de ajudar a internalizar e regular impulsos, e das características maternas que influenciam o seu papel na separação da criança e no seu controle de impulsos.

Daí a importância do estudo das características do processo da socialização, comprovando a evidência da generalização das relações entre as experiências de uma socialização particular e a diferenciação psicológica.

Tais investigações detectaram novos níveis de variação cultural em diversos povos ocidentais e orientais, e operam com grupos pequenos e homogêneos que favorecem o controle das variáveis em questão.

A indagação sobre o papel particular dos fatores culturais e ecológicos no desenvolvimento das variáveis tornar-se-ia por conseguinte, mais plausível e prática. Assim, três grupos poderiam ser isolados no sentido de enquadrarem fatores sociais e ambientais que possam influenciar o desenvolvimento da diferenciação: um primeiro, relativo à análise das práticas da disciplina e do problema da socialização de crianças no contexto família; um segundo, já num âmbito maior, de fatores sociais e culturais que entrariam em interação com os fatores familiares; e um terceiro que teria um objetivo mais abrangente, levando em conta o papel dos fatores ecológicos, considerados no ambiente familiar e cultural, denominados de "ecocultural". Os dados do 1.º grupo de estudos apresentam-se em forma de comparação, por exemplo, numa cultura das medidas de diferenciação avaliando as práticas da educação das crianças; os dados do 2.º e 3.º grupos apresentam-se em forma de comparação das medidas de avaliação de diferenciação entre culturas.

Investigações ecoculturais das práticas familiares relacionam a influência do tratamento familiar, por exemplo, nos mexicanos e esquimós.

Quanto aos *fatores culturais*, destacam-se: o conformismo social, aderência à família, à sociedade, à religião e à autoridade política. A espécie de aderência à autoridade e aos padrões externos em contraste com a diferenciação progressiva. Ilustrando em relação a crianças submetidas a uma disciplina rígida e severa com formas extensas de castigo, a responsabilidade como é elaborada e comparada com as atitudes de subordinação de autoridade ou de autonomia individual, em grupos de culturas ocidentais ou orientais, em famílias autoritárias, patriarcais; quanto à aderência ao *set* de padrões religiosos e valorativos, qual é o papel da mãe em famílias judaicas tradicionais e modernas e não-judaicas dos jovens e adultos de sexo masculino e feminino, sendo os primeiros significantemente mais dependentes do campo de dependência, não havendo no grupo feminino diferenças significativas, o que pode ocorrer por conta das diferenças de educação dos meninos e meninas judias.

Estudo de Witkin relativo ao papel da conformidade social no desenvolvimento da diferenciação psicológica comparou 100 crianças, meninos e meninas de 10 a 13 anos de seis cidades da Holanda, Itália e México (cada par de cidades foi

escolhido de acordo com critério de muito e pouco conformismo); nas primeiras, as famílias eram estruturadas numa linha de papéis autoritários exercidos por avós – pai respeitado mas afastado, mães mais dominadoras, influência de autoridades, formas mais uniformes e menos individualizadas, redutoras da liberdade, o que seria o oposto das cidades pouco conformistas, resultando em aspectos diferenciados num sentido de mais dependentes de campo. Formas familiares de organização de atividades nas famílias americanas e mexicanas também denotam diferenças constatadas através dos estudos de Holtzman em grupos rurais e urbanos; nos primeiros, havia mais conformismo e menos autonomia e individualização. Dawson (4) fez várias pesquisas que aproximaram o conformismo social e a diferenciação psicológica em relação à lateralidade, partindo da hipótese de que as sociedades mais conformistas desencorajariam o canhotismo, sobretudo nas mulheres, e as menos conformistas teriam incidência maior de canhotismo. Por outro lado, a análise das técnicas empregadas seria importante para detectar o nível das pressões nas sociedades, os padrões familiares mais amplos ou a mútua influência dos fatores ecoculturais e os níveis intermediários dos mesmos.

Quanto à adaptação e mudança, por exemplo, a dependência de campo é muito associada com uma orientação social do mundo, envolvendo sensitividade às pessoas ou atenção às novas maneiras particularizadas de socialização, diferenças de sexo, e o *continuun* adaptativo.

4.3 *As mudanças de aculturação*

As características dos níveis de diferenciação são adaptativas aos padrões ecológicos e culturais das sociedades, mas é válido perguntar o que acontece a esses níveis durante o processo da adaptação cultural e da mudança social. Os efeitos da aculturação afetam o comportamento de vários grupos culturais, mas a primeira questão seria: que variáveis operativas estão envolvidas (educacionais, condições do trabalho), e a segunda, de que forma tais influências se reforçam com a aculturação.

5. Conclusão

O propósito das pesquisas transculturais não fica limitado a constatar a universalidade do fenômeno observado numa cultura singular, mas tem como objetivo descobrir novos fenômenos culturais ou formas comportamentais, sendo fundamental levar em conta aspectos da teoria da diferenciação. Os conceitos derivados da teoria da diferenciação podem ser aplicados a culturas variadas, dada a própria natureza estrutural da diferenciação e a socialização universal e cultural. A perspectiva comparativa nos leva a observar o número de co-variáveis de socialização. Fatores como pressão para conformismo, estrutura de autoridades, papel da diversidade e da avaliação e os fatos ecológicos podem estar enraizados nas

variações demográficas, implícitas, sobretudo, seqüelas ecológicas e o intercruzamento das barreiras culturais com as suas prováveis experiências de socialização, por sua vez associadas com a presença ou ausência das diferenças sexuais nos estilos cognitivos. Portanto, a tarefa fundamental, como afirmam Witkin e Berry (1), seria a de devolver as novas variáveis encontradas aos *sets* culturais e sociais que enriquecem a teoria da diferenciação e os seus instrumentos de medida; sem esse esforço de devolução, o ponto de partida dos métodos transculturais só pode ser parcialmente adotado.

Referências bibliográficas

1. Berry, J. W. & Witkin, H. A. Psychological differentiation in cross-cultural perspective. *Research Bulletin*, R.B. 75-4, New York, Feb. 1975.

2. _____ & Dasen, P. R. *Culture and cognition: readings in cross-cultural psychology*. London Metheun, 1974.

3. _____. Ecological and cultural factors in spatial perceptual development. *Canadian Journal of Behavioral Science*, n. 3, p. 324-36, 1971.

4. Dawson, J. L. M. *Eskimo laterality and cognitive style*. Comunicação apresentada na segunda conferência internacional da Associação Internacional de Psicologia Transcultural, Kingston, 1974.

5. _____. *Ecological differences in lateralization and cognitive style*. XX Congresso Internacional de Psicologia, Tokyo, 1972.

6. Kagan, J. & Klein, R. E. Cross-Cultural perspectives on early development. *American Psychologist*, n. 28, p. 961-74, 1973.

7. Kardiner, A. *The individual and his society*. New York, Columbia University Press, 1939.

8. Witkin, H. A. A cognitive style approach to cross-cultural research. *International Journal Psychology*, n. 2, p. 233-50, 1969.

9. _____. Social influences in the development of cognitive style. *Handbook of socialization theory and research*. New York, 1969.